

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CONFERÊNCIA. RAUL BRANDÃO E A SUA OBRA.

MANSO, Joaquim

Ano: 1937 | Número: 47

Como citar este documento:

MANSO, Joaquim, Conferência. Raul Brandão e a sua obra. *Revista de Guimarães*, 47 (1-2) Jan.-Jun. 1937, p. 116-130.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

*

* *

Homenagem a RAÚL BRANDÃO

Damos a seguir a notícia da festa de homenagem à memória do saudável Escritor Raúl Brandão, cujos restos mortais foram em 1934 trasladados para o Cemitério de Guimarães, tendo, já então, a Soc. M. S. dirigido o préstito e dispensado honras condignas ao Morto ilustre, que foi um devotado amigo desta Colectividade.

À notável Conferência pronunciada pelo Sr. Dr. Joaquim Manso referiram-se, entre outros periódicos, os seguintes: — *Notícias de Guimarães, O Comércio de Guimarães, O Comércio do Pôrto, O Primeiro de Janeiro, Jornal de Notícias, Correio do Minho, Diário de Notícias e Diário de Lisboa.*

Transcrevemos dêste último:

Foi um acontecimento, tanto para a cidade de Guimarães, como para a nossa vida literária, a notabilíssima Conferência que o nosso querido Director, Sr. Dr. Joaquim Manso, realizou, a convite da Sociedade Martins Sarmento, na sede daquela prestigiosa agremiação cultural. O Sr. Dr. Joaquim Manso, que era acompanhado pelo nosso prezado amigo Sr. Alfredo Pinto, chegou de automóvel, sendo esperado pelo Presidente daquela Sociedade, Sr. Capitão Mário Cardoso, e pelos colegas da Direcção, Srs. Francisco de Assis Pereira Mendes, Alberto Vieira Braga, A. L. de Carvalho, Dr. Ricardo Freitas Ribeiro, Dr. Augusto Cunha e Alberto Costa.

O Sr. Dr. Joaquim Manso, visitou, demoradamente, o edificio da Sociedade, antigo convento dos Dominicanos, o seu lindo claustro e jardim, apreciando a numerosa e valiosa colecção de objectos antigos, conseguida pelo esforço de Martins Sarmento e dos seus continuadores, e recolhida em grande parte, na Penha, na Citânia de Briteiros e em Sabroso. Dêste aglomerado de preciosidades arquelógicas, etnológicas e artísticas, disse o sábio professor Dr. Leite de Vasconcelos que era o mais rico depois do Museu de Belém, que hoje tem o seu nome. Depois, todos percorreram a característica cidade, detendo-se ante os seus variados e encanta-

dores documentos históricos, de pedra, e terminando por admirar o antigo Palácio dos Duques de Bragança e o velho Castelo que, devidamente restaurados, serão um dia o grandioso e próprio fundo para o monumento ao fundador da nacionalidade.

A noite na formosa e vasta Sala de conferências da Sociedade Martins Sarmento, reuniu-se o escol intelectual e social de Guimarães, vendo-se na assistência muitas Senhoras e diversas pessoas de família de Raúl Brandão. Presidiu o Sr. Capitão Mário Cardoso, que dava a direita à Viúva do ilustre Escritor de «Os Pobres», a Sr.^a D. Maria Angelina de Araújo Abreu Brandão, e a esquerda ao Sr. Capitão José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto, Vice-Presidente da Câmara Municipal.

O Sr. Capitão Mário Cardoso pronunciou o interessante discurso que publicamos integralmente, como merece.

Minhas Senhoras,
Meus Senhores :

A primeira e única vez que me avistei com Raúl Brandão foi, há uns cinco para seis anos, na sua Casa do Alto, em Nespereira. O Escritor, sabendo da minha inclinação pelas velharias, convidara-me a visitar certo local da sua propriedade, onde a escavação para plantio de uma vinha trouxera à flor da terra alguns fragmentos interessantes de olaria lusitano-romana.

Recebeu-me com aquela afabilidade, tão natural e espontânea nas almas superiormente formadas. As primeiras palavras que trocámos fiquei com a impressão de que já nos conhecíamos há muito tempo, quando era a primeira vez que nos encontrávamos. Dentro em pouco, percorríamos os dois, vagarosamente, as salas da encantadora vivenda, para que eu admirasse as suas telas de Columbano, as delicadas *sanguineas* de António Carneiro, e tantas outras jóias de Arte, dispostas pelas paredes da pequenina e acolhedora Casa do Alto. Deram-me na vista, no seu gabinete de trabalho, algumas paisagens tratadas com largueza e técnica segura, com seus planos bem marcados e uma grande limpidez de cor. Perguntei, naturalmente, o nome do Artista. Raúl Brandão, com um sorriso aberto, deixou-me inteiramente surpreendido, quando me respondeu: — «São umas coisitas que eu pintei...». Eu desconhecia esta faceta do seu poder criador de imagens e de Beleza: Raúl Brandão, Pintor! Quem fôra o seu Mestre? perguntei-lhe. — «Eu sei lá... Foi o mundo, a natureza, a vida! Um dia, senti a necessidade de pintar. Nunca tinha experimentado. Peguei numa paleta, numa caixa de tintas, e fiz isso que aí está... Pintei.»

Reflectindo um pouco, esta revelação, aparentemente extraordinária, não surpreendia, num espírito com tamanha ânsia de expressão comunicativa. Quantas vezes, ao ler certas páginas d-*As Ilhas desconhecidas* e d-*Os pescadores*, eu pensara: — Eis um Prosador com o sentimento, a alma, a intuição de um grande Pintor. Devia ser um paisagista admirável, se, em vez de ser um admi-

rável Escritor, houvesse enveredado pelas Artes plásticas! Para a sua doentia hiper-sensibilidade, como a da harpa eólia cujas cordas vibravam ao mais ligeiro frêmito da aragem, as palavras eram insuficientes na tradução das impressões anímicas, dos sentimentos e das imagens interiores.

Na verdade, perante a maravilhosa sinfonia da luz e a policromia incomparável de certos aspectos da natureza, a arte e a ciência da linguagem não bastam para exprimir o nosso poder de receptividade emocional, as palavras são frias e quasi despidas de significado objectivo, de sugestão e de contágio espiritual. Só existe um meio de expressão que nos satisfaz inteiramente — a Pintura, a linguagem sem palavras! Esta, como as restantes Artes plásticas, tem assim, em muitos casos, uma indiscutível superioridade de transposição descritiva e dinamismo emocional sobre a Literatura, mesmo quando a prosa, trabalhada por mão de Mestre, como a de Raúl Brandão, é opulenta de tons, de claro-escuro, de formas, de coloridos e de imagens. Um dia, o Escritor, para acalmar a tortura do Artista, essa vontade insaciada de exteriorizar e de reflectir emoções, que a pena se recusava a traduzir, pegou da paleta para descrever prados de esmeralda, choupos contorcidos côr de violeta, águas transparentes brilhando ao sol do inverno, montes azulados e diáfanos, perdidos e esfumados na distância!

Raúl Brandão era, portanto, acima de tudo, um emotivo, um Artista. Mas também um Pensador, um Filósofo e um Historiador. Não cultivava a filosofia especulativa e criticista, que tenta, em vão, explicar o ritmo do mundo, e o limite dos fenómenos insondáveis que nos cercam, mas a filosofia humana que procura desvendar o mistério das almas em sofrimento, e compreender o homem integrado na tragédia da vida. Não apenas o historiador friamente debruçado sobre os textos, unicamente preocupado na interpretação dos documentos, como o anatomista no seu laboratório, mas o criador que tem o poder de comunicar a sua vida às vidas que passaram e de fazer ressurgir os dramas colectivos a diluírem-se no tempo, o evocador do sofrimento das multidões, em que afinal é argamassada toda a História da Humanidade. «A História é dor, a verdadeira História é a dos gritos», escreveu Raúl Brandão.

Mas, da Obra fecunda e profunda, dèste extraordinário e incompreendido Pintor de almas, que há tão pouco se afastou do mundo visível e do qual já poucos se lembram, neste país onde as nobres manifestações da inteligência são quasi letra morta, vai falar-nos, com superior elevação e competência, o Conferente de hoje, Sr. Dr. Joaquim Manso. Espirito superiormente dotado, trabalhador incansável em vários ramos do pensamento, o Autor de *O Efêmero e o Eterno*, de *Fulgur das Cidades*, de *Alma inquieta*, e de tantas outras obras, entre as quais essas duas recentemente publicadas, que, por si só, bastariam para marcar uma personalidade — *Pedras para a construção de um mundo e Fábulas* —, cultiva com igual talento o jornalismo, a crítica, a arte e esse género a que podemos chamar literatura filosófica ou, talvez com maior propriedade, filosofia literária, em que a profundeza dos conceitos se juxtapõe à perfeição da forma verbal e estética. Director de um dos mais brilhantes órgãos da Imprensa portuguesa, o *Diário de Lisboa*,

tem sabido manter, inalteravelmente, nas suas colunas de acentuada feição literária, um equilíbrio tão completo, uma elevação de princípios, uma elegância de expressão, uma lealdade de processos, uma clareza de conceitos tal, que êsse perfeito orientador da opinião pública nos deu sempre a impressão de um *gentleman*, imperturbável e correcto, no meio da algazarra descomedida e desnorteada em que tantas vezes se digladiou o jornalismo português, especialmente nos agitados períodos de paixão sectarista e de baixa política.

O Sr. Dr. Joaquim Manso aceitando, sem hesitações nem reservas, o convite que lhe fizemos, e declarando-nos que era seu vivo desejo prestar uma pública homenagem à memória de Raúl Brandão, tornou-se credor do nosso profundo agradecimento, que publicamente tenho a subida honra e prazer de manifestar-lhe aqui, em nome da Direcção desta Sociedade. Com o concurso de V. Ex.^a, Sr. Dr. Joaquim Manso, a Sociedade de Martins Sarmento encontrou a possibilidade de cumprir a obrigação moral de levar a efeito esta homenagem com a elevação, a sobriedade e o brilho de que era preciso revesti-la. Esta Colectividade, cuja função essencial é contribuir para o prestígio e desenvolvimento da nossa Cultura, e da nossa Educação intelectual, moral e cívica (e um dos aspectos da sua actividade é, precisamente, a exaltação dos nossos grandes valores espirituais), salda hoje a sua quota parte da dívida que todos os portugueses cultos, e principalmente os intellectuais portugueses, conservam em aberto para com a memória de Raúl Brandão.

Os mortos passam depressa, é certo. Mas, a Obra que nos deixam, quando foi ditada por um pensamento de tamanha nobreza



(Desenho de António Carneiro)

Dr. Joaquim Manso

e de tão funda compreensão da dôr humana, que, do sentido trágico da vida, conseguiu tirar conceitos da mais elevada beleza moral — essa não morre, e, a todo o momento, nos deve lembrar o cérebro poderoso e fecundo, que a concebeu e criou. E' preciso, pois, meus Senhores, que êsse grande Espírito que tanto soube honrar as Letras portuguezas, e a quem, pela amizade que dedicou a Guimarães, poderíamos chamar quasi nosso conterrâneo, tenha, pelo menos no cemitério desta cidade, onde repousa, um monumento, modesto embora, mas de linhas sóbrias e harmoniosas, que indique ao piedoso romeiro daquele lugar de sagrada quietação, a última morada do Literato e do Pensador que foi Alguém neste País.

Raúl Brandão não era vimaranense. Mas dedicou à nossa terra e às nossas instituições mais queridas uma profunda simpatia. Aqui viveu, quando Official do nosso extinto Regimento; aqui desposou a desvelada Companheira, que foi para êle o Anjo do seu lar e o refúgio de alma nas suas crises de torturado, que foi, espiritualmente, a sua Inspiradora e, até, a sua diligente Colaboradora. Finalmente, no nosso recatado e pequenino cemitério da Atouguia, quis vir descansar o último sono.

A Sociedade Martins Sarmiento, muito especialmente, deve à memória do grande Escritor uma imperecível gratidão pela amizade que êle sempre votou a esta Casa. Ao fixar as suas disposições testamentárias, mais uma vez se lembrou, carinhosamente, desta Colectividade, doando-lhe uma das preciosas obras de Arte da sua colecção, e tôda a sua biblioteca, os seus amados livros. Obreiro intelectual, mandou entregar-nos o que tão querido e útil lhe foi na vida — os honrados instrumentos do seu honesto e fecundo labor.

E' tempo de encerrar estas palavras simples, que, na qualidade de presidente desta Casa, me competia dizer, e era necessário que dissesse.

Vamos ter a honra de ouvir o verbo eloquente do Sr. Dr. Joaquim Manso, a quem, antecipadamente, agradeço o prazer espiritual que nos há-de proporcionar a todos, e dêste modo me dispenco de pronunciar quaisquer expressões finais, com que é do protocolo encerrar sessões solenes, pois me reconheço sem competência bastante para improvisar apreciações, ainda que singelas, ao trabalho de quem é Mestre consagrado na arte de falar e de escrever.

A V. Ex.^a, Sr.^a D. Maria Angelina Brandão, agradeço comovidamente a amabilidade da sua presença nesta homenagem póstuma, que eu compreendo lhe avivará dolorosas recordações. Mas permita-me que lembre aqui esta legenda lapidar de Raúl Brandão:

«Só as criaturas que sofrem é que são dignas de viver, e na verdade são as únicas que vivem».

Em seguida, o Sr. Dr. Joaquim Manso leu o seu notável trabalho, que publicamos na integra:

Raúl Brandão e a sua Obra

Senhoras,
Senhores:

Aqui estou: vim de longe para vos falar dum homem que, apesar de gelado no seio calmo e religioso da morte, ninguém considera carecido de simpatia, saúde e comunhão com quantos agora buscam um fio de luz para se orientarem nas marchas do destino.

Raúl Brandão tinha uma devoção especial por estas terras que êle amava, porque nelas havia, mais que no resto do País, a «linha de afeição e de silêncio» que os seus passos seguiam, quando, antes de escrever um livro, o meditava, o imaginava, o aquecia e o abrasava no fogo da inspiração, ofertando-o jubiloso às quimeras benditas.

Guimarães — cidade que guarda séculos nas suas pedras lavradas e veneradas, retendo dos tempos idos o doce queixume de algumas mágoas e também o tropear de cavalgadas heróicas — transparece discretamente na sua obra, como, através de grades austeras e cautelosas, se percebe o arfar amoroso das donzelas de Tirso de Molina.

Perto de nós, no cemitério onde repousa, como êle dizia, «num sonho sem contrariedades», talvez as suas cinzas agora estremeçam, bafejadas, tocadas e movidas pela palpitação que o seu nome desperta na atmosfera da ilustre Casa, onde êle não era um estranho, mas um amigo cheio de ternura e um companheiro que honrava as causas que servia e os sentimentos a que votava o seu carinho.

Devo declarar-vos que não me move o desejo de submeter a qualquer exame crítico — a crítica geralmente confunde o acessório com o principal, a cabeça com a cauda, a fim de ser severa e impassível — o escritor que foi em Portugal o cronista piedoso, o poeta e o místico das dores absurdas, das misérias insanáveis, das perdições prostibulares e dos ódios

servis, e também das puríssimas almas que as desgraças não maculam nem turvam na limpidez do seu olhar inocente.

Nunca fui dos seus íntimos e creio mesmo que as nossas predilecções estéticas se não ajustavam, visto êle preferir o «escuro» ou o «claro-escuro», a fim de surpreender o humano sofrimento, na pobreza dos seus meios de expressão.

Ocorre-me que viajámos juntos, a bordo do «S. Miguel», nos mares dos Açôres, quando êle coligia apontamentos e impressões para «As Ilhas Desconhecidas». Eu visitava, nessa ocasião, o arquipélago, a convite do «Correio dos Açôres», com um grupo de intelectuais que tornaram a descobrir o que os netos de Gonçalo Velho haviam olvidado. Breves palavras trocadas, acendeu-se logo temerosa discussão, entre nós, viajantes bucólicos e tranqüilos. Raúl Brandão, tão acolhedor na sua afável simplicidade, não obstante a claridade opalina da tarde que o sol nimbava com um dourado que se enternecia com o azul do céu e do oceano, vinha menos deliciado que prostrado com os eflúvios magnéticos da atmosfera iódica e salina que rodeava a ilha Terceira e a mancha voluptuosa de Angra do Heroísmo.

Por alguns minutos, o autor da *Farsa* ergueu os magros braços, como os profetas de Israel, decidido a contrariar, com o péso da sua indignação, as minhas modestas considerações sôbre a inutilidade das doutrinas que não trazem consigo o amor como bálsamo para as feridas que se rasgam nos ânimos combalidos. Breve nos pusemos de acôrdo, porque estávamos, sem dar por isso, a defender a mesma verdade, sob cargas de iracunda metralha. Apenas rectificámos as nossas posições, Raúl Brandão observou, com um sorriso luminoso e bom:

« — Vencemos uma batalha sem derramar sangue!

Nem sempre saúdei com aplauso os volumes que ia publicando: ao aparecer o *Jesus Cristo em Lisboa* manifestei, num artigo de Jornal, o meu desagrado, por se me afigurar que o vulto do divino Rabi, apesar de tratado com poética emoção, caía, embora ligeiramente, na vulgaridade oratória dos que se dedicam a



(Desenho de António Carneiro)

RAÚL BRANDÃO

combater o mal, mais nas hastes que na raiz de onde lhe vem a substância.

Com estas recordações, não é meu intento compartilhar, remotamente que seja, da glória alheia: antes quero mostrar, nas minhas atitudes, a sinceridade aliada à independência de opinião.

Em Lisboa, quando se soube que eu fôra gentilmente convidado para me ocupar de Raúl Brandão, na «Sociedade Martins Sarmiento», onde êle era Sócio dilecto, um velho amigo meu perguntou-me, não sem malícia:

— Acaso vais fazer penitência a Guimarães?

Respondi-lhe no mais brando dos tons:

— Raúl Brandão dispensa que os dissentimentos de ontem se tornem hoje em vénias e contritas flexões.

Como homenagem à memória dum morto ilustre, nada conheço de melhor que o cuidado de penetrar-lhe e desvendar-lhe o pensamento, mergulhando na sua obra, sem lhe alterar quer a essência, quer a face com que se realça aos nossos olhos. Eis a minha intenção, neste momento — ser verdadeiro e não panegirista. Raúl Brandão, numa das passagens de *El-rei Junot*, diz:

— «Tenho fé no homem».

O homem que mente desagradava-lhe, repugnava-lhe. Detesto a crítica que se propõe demolir, negar, destruir, contrapondo a análise álgida, sêca, à intuição afectuosa dum ser que vive unidamente, simpáticamente, nas suas criações literárias ou artísticas. Compete-me, perante o escolhido auditório que me escuta, esclarecer, antes de mais nada, o seguinte quesito:

— Qual o significado de Raúl Brandão nas Letras Nacionais?

Contra a teimosa preocupação dos que explicam o escritor pela sociedade em que nasceu e se educou, afirmando: «A obra é um produto do meio», entendo que a sociedade é um excitante e o cérebro um reagente. Antigamente, mercê dum espesso determinismo que submetia o trabalho intelectual à massa informe de vagas aspirações, a germinar na consciência colectiva, desconhecia-se que o espírito marca a plenitude da liberdade individual — a descoberta dum paraíso ignorado, dum continente misterioso.

Quando os Portugueses foram ao Cabo das Tor-

mentas, à Índia e ao Brasil, acrescentaram ao existente o inexistente, ao conhecido o desconhecido, alargando horizontes até então apertados e contrafeitos. Os outros povos contentavam-se com o presente, ao passo que os nossos navegadores demandavam o futuro. Diz-se que Camões, nos «Lusiadas», completou Vasco da Gama, pois converteu em exaltação épica o sol ardente das navegações. Não foi bem assim: o Vasco da Gama do Poema, sendo o mesmo da História, adquiriu, graças ao seu cantor, um alto poder de navegar e conquistar, mas no Mar Tenebroso dos séculos porvindouros.

Com Raúl Brandão passou-se isto: não escreveu para ser idêntico aos seus, conservar a moldura dum retrato de família, nem tampouco para ser igual aos seus contemporâneos. Amou a aventura, não obstante a sua máscara de contemplativo: tomou o nodoso bordão de Peregrino e correu os santuários da Utopia, com esta ansiedade nos lábios.

— Onde existe remédio ou pausa para a dôr — seja minha, seja de meus irmãos?

Nunca obedeceu a outro imperativo — ajudar os párias e os vencidos na subida do seu Calvário. A sua pena de escritor foi lhe simultaneamente um instrumento de suplício. Abriram-se-lhe as portas da política: resistiu à tentação. Pediram-lhe que se amoldasse à sugestão empolgante de ser aplaudido pela turba: abalou para o ermo. Lembraram-lhe que o seu fervor pelos humildes o impedia de ascender na consideração dos poderosos: cerrou os ouvidos.

¿ Que sedução o desviou da Academia, do Parlamento, dos salões e da rua?

Uma cousa volátil, fútil, sem crédito na praça nem valor no mercado — o sonho. Vi-o subir o Chiado, à tardinha, avançando nos passeios que os lumes do poente inundavam de scintilações que faiscavam nas jóias das mulheres elegantes e nas delícias efémeras dos vencedores do dia: nunca maior indiferença sublinhou a feira das vaidades lisboetas. Mal se atentava no seu rosto alourado, onde os olhos afloravam como dois círios que ardiam sem se consumir, logo se denunciava a febre interior da sua vocação — sondar o invisível.

Além da superfície e do relêvo dos corpos, do

volume e do desenho das cousas, Raúl Brandão procurava aproximar-se da mansão incorpórea dos redimidos: tôdas as figuras dos seus livros padecem dum mal incurável: são peoneiros do Infinito. As mais miseráveis, decaídas e poluídas, sem uma esperança a que se agarrem ou uma ilusão a que se suspendam, deliram no pressentimento de que Deus as espera.

— Mas onde está Deus? indagam elas, tombando pelos últimos degraus da miséria e da tortura que as devora.

Para acalmarem a nevrose convulsiva em que se debatem, atiram-se para os braços do sonho. A sorte só lhes deixa um desabafo e um refúgio — inventar a lenda da felicidade, num reino que cada um fabrica como quere e situa onde lhe apetece. Em *A Morte do Palhaço* o sonho corre a jorros como um rio sempre a trasbordar, a alagar os tímidos idealistas, os amores mal sucedidos e os violinos românticos que, a horas impossíveis, soluçam pelos bairros onde a desgraça entoa as suas fatais canções.

Na *Farsa*, vem o trecho que tão bem se conforma com o desastre das almas atónitas e desarrumadas:

— «E fôra essa a sua verdadeira existência, porque o sonho é tudo — é todo o individuo muito melhor que a matéria, os gestos, as palavras. O sonho é a única realidade. Essa construção que vive oculta, obscura ou grandiosa, êsse perpétuo desfilarmos de exasperos, de raivas, de meditações, êsse teatro só para nós mesmos, onde não há máscaras, e que criamos à custa de sangue, de nervos, dum perpétuo e obscuro labor — deslumbrante ou cómico — é na verdade a nossa alma. E's tu! Ali vive, ali está, disforme ou harmónico, admirável ou vil, bem patente o teu verdadeiro ser. Espicaça-te a vida por fora, crias logo por dentro. Assim essa architectura feita de invejas, de ódios, de pequeninos nadas, era a Candidinha: a outra não passava de uma máscara».

Os seus sonhadores são sombras da sua amargura, perfis nocturnos de pesadelo, visto que constituem parcelas da sua elegia — visões e caricaturas que êle namorava, dando eloquência aos mudos, coragem aos tímidos, ambição aos desiludidos, cólera aos condenados e pudor aos desregrados. Sob êste ponto de vista, Raúl Bran-

dão construíu o seu castelo num empinado morro, a fim de conviver com a chusma sussurrante e gemente que o encantava e atormentava em doses equivalentes.

Leia-se o *Húmus* e note-se a seguinte confissão:

— «Há entre as figuras que compõem o meu ser, duas encarniçadas uma contra a outra. Há uma que crê, outra que não crê. Há uma capaz de tôdas as covardias, outra capaz de tôdas as audácias. Há uma pronta para todos os rasgos e outra que a observa e comenta».

Revela-se assim o dualismo na personalidade, a divisão da mesma consciência em zonas distintas, o sonho e a realidade na mesma enfermaria, mas em camas diferentes. Dostoiewski, intérprete sem par da noite profunda, onde o mal, como um ladrão, organiza as suas guerrilhas, estudou magistralmente casos complicados de desdobraimento anímico. Usualmente supomos que tudo, dentro de nós, está sujeito a uma só vontade:

— Eu sou eu e ninguém manda em mim, porque constituo uma unidade.

Certos indivíduos, porém, não podem gabar-se de serem proprietários exclusivos de si próprios. Assim como há países despedaçados, nos quais os governos são tantos quantos os exércitos em batalha, também aparecem exemplares humanos que se contradizem e até se aniquilam, por não poderem obedecer à mesma lei salutar: querem e não querem, deliram e raciocinam claro, crêem e descreêm, servem o êrro e estimam a verdade, gritam o seu entusiasmo e sucumbem no mais desolado pèssimismo. São estes que Raúl Brandão recolheu na sua galeria de falhados, levantando-os do catre em que gemiam e atribuindo-lhes o dom singular de picar a nossa curiosidade.

Numa lauda de *Os Pobres*, encontro isto:

— «Os pobres são como os rios. Estancam a sêde da terra, fazem inchar as raízes e crescer as árvores; acarretam; moem o pão nos moínhos. Ei-la, a vida da terra! Tôdas as catedrais se construíram da sua dôr; sem êles a vida pararia.

Natal dos pobres! natal dos pobres!... ¿Porque é que criaturas misérrimas encontram ainda, na sua gélida nudez, horas para recordar e amar? Pobres

repartem do seu pão; espinhados dão-nos das suas lágrimas. Vinho quente! vinho quente e amargo que sabe a aflição. Chegam-se uns para os outros para se aquecerem. Nas enfermarias, nos sítios onde se sofre, os míseros e os doentes, quedam-se muito tempo a scismar. Os pobres pensam que existem seres ainda mais pobres, lares desamparados onde nem o lume se acende; cuidam numa velhinha que, a essa mesma hora, scisma, abandonada e sòzinha, ao pé de brasas extintas, no filho doente, no filho ausente... Há cabanas nuas, lares rotos, almas mais gélidas que o nevão».

Para os clássicos, o princípio essencial e ordenador do espírito era a razão, sobreposta à sensibilidade. Para os românticos, a paixão trepidante e fulgurante. Para os modernos, a sensação.

Raúl Brandão foi impenitentemente romântico: a sua arte, monótona na expressão e tumultuária nos «andamentos», brotou do problema social que agora sacode a Humanidade, sob a sua violência de ciclone. Mas êle separou nitidamente os clamores da multidão: os que são filhos da incurável natureza humana e os que se originam na injustiça e na opressão. Chorou sôbre os primeiros e reclamou remédio para os segundos.

Alguém que muito prezo desenhou, em linhas rápidas, o retrato sintético de Raúl Brandão:

— «Era um transviado da Idade-Média que a realidade magoava, a morte perturbava e seduzia, Deus amparava e iluminava, dando-lhe a fôrça requerida para naufragar e poder contar a história do seu naufrágio».

! Que arabescos de sonho êle não gisou para vincar na derradeira tábuia, a flutuar sôbre as ondas, o negro horror da procela!

¿ Professou Raúl Brandão uma filosofia, uma doutrina de que a sua escritura fôsse a anunciação?

Dado o seu culto por Dostoiewski, ¿ que pensou êle do mal, do crime e da liberdade, pedras fundamentais para o romancista russo?

Faltam-nos indicações a tal respeito, à parte as referências que no «Húmus» êle faz ao visível e ao invisível: todos nós, no seu entender, somos semelhantes aos inquilinos que assomam à janela do andar que habitam, conversando com os vizinhos. Como, porém, o prédio é maior que a janela, o segredo maior

que a confiança, o mistério da família maior que a algazarra dum dos seus membros, segue-se que a parte que se ignora excede a parte que se revela.

Guerra Junqueiro, na carta-prefácio que precede "Os Pobres", escreveu:

— "O seu Deus não é o último termo duma cadeia lógica de silogismos. Não o descobre pela razão, atinge-o pela emoção. O meu amigo não raciocina, isoladamente, pelo encéfalo. Raciocina de chofre e com todo o corpo. As ideias brotam-lhe espontâneas, como o sangue da facada ou a flor da haste. Palpitam de vida, mas vida viva — no estado genésico. Não falam, não discursam, não discorrem. Gritam, uivam, ululam, gemem, rezam, blasfemam. Ciclones de ais, de orações, de imprecações, de fúrias, de lamentos. O meu amigo pensa, forma juízos, como as electricidades formam raios".

No fundo, Raúl Brandão não é romancista, historiador, jornalista, paisagista ou ensaísta, visto ser visceralmente um visionário que condensa o mundo, não em anotações de observador e analista, antes em lampejos de profecia.

Um jovem que pôde entrar à presença de Goethe, depois de fixar em êxtasis o seu ídolo, atreveu-se a segredar-lhe:

— "Mestre, quando te leio, tudo me parece rico, maravilhoso, quási divino. Apenas fecho os teus livros, volto de novo à miséria e à banalidade.

— Habitua-te a não confundir duas coisas inteiramente diferentes — o mundo onde se sonha e o mundo onde se sofre".

Raúl Brandão, se respeita o conselho de Goethe, fá-lo constrangido: para êle o sonho e o sofrimento andam tão abraçados como solidão e tristeza. Dificilmente, a alegria, a quieta posse dum bem, o riso aprilino que vem dum límpido prazer, a delícia que se goza entre corações que se entendem, cantam nos seus livros consagrados a temas sombrios, a fatalidades inexoráveis.

O seu teatro, os seus ensaios de História, as suas "memórias" accusam idêntica desilusão.

Sem pretender explicar cabalmente de onde dimana o seu estro pessimista, julgo que os seus antepassados

o escolheram para ser o porta-voz dos seus longos queixumes. Acontece aos netos terem de reviver e rememorar as lágrimas secretas dos avós. O anormal e o patológico podem significar simplesmente um grau mais alto na escala das gerações. Raúl Brandão extrafu das ingénuas narrativas com que, na Foz do Douro, sua avó o embalou, uma narrativa maior, um drama mais tempestuoso, que lhe absorveu as faculdades e as energias criadoras.

Como nos dias de inverno — chuvoso, ventoso e nevado — de vez em quando o céu desanuvia-se e um beijo de luz tépida desperta as paisagens e descerra as janelas melancólicas, assim «Os Pescadores» e «As Ilhas desconhecidas» introduziram na obra do Mestre uma baforada de ar puro, uma vibração de sensibilidade menos ascética e mais rumorosa.

Fialho d'Almeida segredava aos que o rodeavam:

— A minha grande devoção vai ser a epopeia rústica do trabalho: quero escrever «Os Cavadores».

Não passou de projecto o vasto fresco que ideava o autor da *Vida Irónica*. Brandão, porém, foi cumpridor rigoroso: percorreu a costa de Portugal e visitou os Açores, a fim de experimentar as suas qualidades de pintor. O colorista empregou tintas que não esmorecem, vernizes que não empalidecem: alguma coisa se fixou na sua retina impressionista que conserva o sabor da terra e do mar. Da Ilha das Flores trouxe êle êste modelar «descritivo» em que esplende a riqueza e a variedade da sua palêta:

— «Subo lá acima àquele seio túmido e dourado, cuja pele atinge a magnificência dos veludos. Lá do alto abrange-se parte da ilha, os vales cheios de árvores, a costa recortada, os grandes plainos do fundo retalhados como uma manta pobre, farrapo mais claro de trigo, farrapo amarelo de centeio já maduro. A's vezes, vem do mar um chuveiro e tôda a amplidão desmaia ou se turva e afasta. Entre a cortina vaporosa, distingo o dorso arredondado das relvas, uma casota branca de onde irrompe um cedro dum verde de sepulcro, riscos escuros de pinheirais, e pouco a pouco, desvendando-se, tôda a amplidão sossegada, o anfiteatro da Ribeira dos Barqueiros, a chapada quasi negra da falésia, o Corvo violeta, e a meus pés a vila

em relêvo. A impressão é de frescura e calma, de névoas misturadas de oiro. Esta paisagem molhada e verde é vaga como um sonho: entreabre-se, fecha-se, sorri e adormece... Um silêncio enorme (todos os ruídos são abafados pela névoa), uma amplidão de ervas gotejando, uma luz serena e toldada».

Raúl Brandão adorava o mar, as olorosas primaveras, as crianças, as ternas paisagens, os perfis magoados das mulheres, as montanhas e as nascentes que rebentam da rocha como os gritos das bôcas feridas.

¿Porque não encheu a sua obra com as notas frescas e argentinas das manhãs, dos ninhos e das searas?

¿Porque se aventurou à Cidade do Mal onde só ouviu o ranger dos dentes, o penar dos enfermos e o bramar impotente dos cativos?

Quando Demósthènes, em Atenas, começou a clamar, a rugir e a protestar contra a Macedónia, um ateniense que desamava os ruídos fortes e as cóleras rudes, perguntou-lhe:

— Não serias mais feliz, se te calasses?

O orador, sem se irritar, respondeu:

— Não posso... (e pôs a mão no peito).

Raúl Brandão tinha de ser o que foi, visto a sua sina não depender dos seus caprichos.

No seu peito, como cicatriz na carne viva, estava indicada a sua vocação: restituir aos lábios amorticados, aos insaciados de justiça, o direito de traduzirem a dôr que os pungia. Não chamou a si os rouxinóis, mas nem por isso deixou de ser irmão de quantos, repassando os ensinamentos de Jesus, murmuram:

— «Talvez um dia um fraterno abraço aproxime mais e mais os sonhadores e os poetas, os que cavam e os que pensam...».

No final tôda a assistência tributou uma prolongada e quente ovação ao ilustre Conferencista cuja palestra ficará em letra de oiro na História da famosa Colectividade vimaranense.

No dia imediato, o Sr. Dr. Joaquim Manso, acompanhado pelo Sr. Alfredo Guimarães, Director do «Museu Regional de Alberto Sampaio» visitou êste museu, depois do que realizou, com os Directores da Sociedade, um passeio à Penha, em cujo hotel almoçou, e finalmente à Citânia de Briteiros.

A' tarde partiu para o Pôrto, donde regressou a Lisboa.